

Encruzilhadas poéticas: a escrita contra-colonial autobiográfica de mulheres negras das
Amazônias.¹

Laura Loisy Brito Fernandes
Universidade do Estado do Pará

Palavras-chaves: encruzilhadas; poesia; Amazônia; autobiografia.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (2024).

INTRODUÇÃO

Esse trabalho busca analisar dois poemas autobiográficos de mulheres negras que vivem em diferentes territórios da Amazônia, para visibilizar esses escritos e possibilitar que a história seja reescrita a partir do olhar destas mulheres. Esse estudo será feito através da análise de dois escritos de diferentes escritoras, sendo a primeira Negrabi², artista e rapper. Moradora da cidade de Belém, traz em suas músicas vivências do contexto amazônico e reflexões subjetivas a partir do seu olhar enquanto mulher e bissexual. A segunda é Roberta Conceição Tavares Soares³, poeta, historiadora e quilombola das margens do igarapé Cravo, no rio Bujaru. Seus escritos trazem histórias de sua comunidade e de mulheres que a antecedem.

Elas possuem linguagens diferentes, Roberta escreve e recita poesia. Publicou de forma independente o livro “Lugar de se morrer é também o poema” (2021) e “Mulheres de Fogo” (2023) pela editora independente Edições Kazu. Negrabi canta Rap, sendo também compositora, participa de batalhas de rap na cidade de Belém e fez uma participação no festival Afropunk⁴ em Novembro de 2022.

Conhecer sobre a história das poetisas é importante para entender como a escrita se coaduna com reflexões e resultam em uma poesia (Paulino, 2011). Muitas vezes, esses escritos são fragmentos das histórias de vida, tornando uma forma de resistência ao sistema sexista e racista em que apagou muitas poetisas negras durante um longo período, às fazendo pensar que esse caminho não era possível. Para a teórica bell hooks (2023):

“De uma forma revolucionária, as mulheres negras utilizaram a mídia de massa (escrita, cinema, vídeo, arte etc.) para oferecer autoimagens radicalmente diferentes. Essas ações têm configurado uma intervenção. Também ousamos deixar o nosso "lugar" (ou seja, a base de tudo, o lugar onde esta sociedade costuma sugerir que devemos residir). Quando nos transformamos de objetos manipuláveis em sujeitas autoempoderadas, nós, mulheres negras, necessariamente ameaçamos o status quo” (hooks, 2023, p. 6).

Desse modo, foi percebido as potencialidades ancestrais presentes em suas poéticas, sendo essas escritas contra-coloniais que rompem com os lugares pré-determinados a

² <https://youtu.be/uVUx5XUTIX0?si=ZtTiG8eI7KhAuY8r>

³ <https://www.instagram.com/robertaraizes/>

⁴ <https://afropunk.com/pt-br/festival/bahia/>

mulheres negras. Assim foi percebido que essa escrita possui um significado coletivo, tendo em vista que a história que se conta descreve muitas outras mulheres que vivem nesses territórios, tecendo histórias-teias (Amador de Deus, 2019) que tecem linhas da Amazônia até o continente Africano.

Mulher de fogo

Conheci a poeta Roberta Tavares no Quilombo da República⁵ em 2018, recitando um poema do livro “Mulheres de Fogo” (2023) que naquele momento era um Fanzine⁶. No primeiro momento já me encantei pela escrita, pela identificação com os processos subjetivos da poeta, sendo também uma referência para mim, enquanto escritora que sempre estive muito tímida em publicizar os meus escritos. Vi na Roberta também possibilidades de cura, através da poesia. Como bell hooks pontuava em sua análise sobre a importância das artistas negras:

“(...) Embora muitas pessoas entre nós reconheçam a profundidade de nossas dores e feridas, nós não costumamos nos organizar coletivamente e de forma contínua para encontrar e compartilhar maneiras de nos curar. Mas nossa literatura ajudou nisso. Artistas negras progressistas têm demonstrado uma preocupação incessante em curar nossas feridas” (hooks, 2023, p. 17).

O poema escolhido para analisar está no livro “Mulheres de fogo” (2023), foi escrito em 2019 e não possui título:

Desculpa, meu bem mas não posso ser tão leve carregando comigo tudo isso

Esse banzo secular tão entranhado

Esses murmúrios acesos nos cabelos

Essas asas arrebatadoras de mulheres

Cerrar de lábios a acionar Cravo de infância

como quem persegue alguma coisa sem cansar

Vontade de voltar correndo àqueles braços

Oceano de vozes cantando em mês de maio

⁵ <https://cedenpa.org.br/quilombo-da-republica/>

⁶ Publicação independente em formatos diversos como livretos.

& ser de tempo-terra tão longínquo

Desculpa, meu bem

por não arrancar dos ombros esses passos & ser ainda tantos esses mares, tantos...

Tantos... e tão outros, tão os mesmos

Terra de sal: cal contorcido

Lugares dissolvidos sobre os pés

Retornos sem abraços repartidos para tanta casa sem morada que jamais possuía aquela força dos telhados

& não se distingue mais o que é voltar

Desculpa, meu bem

por não saber amar sem solidão por não conhecer alegria apartada da tristeza & não deixar de esperar navio de sombra e luz de aportar em mim a qualquer hora como também aportas no meu bosque

Me perdoa, meu bem

por febril assim beber sedenta as tuas nuvens

Nesse poema Roberta traz o “Banzo” como sentimento que circunda suas relações, algo que é persistente nela e nas mulheres que vieram antes. No outro verso, ela traz o território como lembrete de quem se é, mesmo com “*lugares dissolvidos sobre os pés*”, esse conflito sobre o território é uma luta secular de mulheres quilombolas e indígenas nas diferentes Amazôniaas, escrevo no coletivo pois acredito que exista diversas vivências nesse espaço que chamamos de “Amazônia”. Por vezes a mídia traz estereótipos acerca das mulheres que aqui vivem, não as deixando falar, desse modo elas são bombardeadas de imagens negativas (hooks, 2020).

Ao ler o poema da Roberta pela primeira vez logo me lembrei de “Uma litania pela sobrevivência” (2020) de Audre Lorde, neste poema ela descreve o constante medo que muitas mulheres negras da diáspora vivenciam, pela escassez, medo de tirarem suas casas e o medo constante do fim. É curioso entrelaçar esses escritos e perceber a familiaridade dos processos subjetivos e o reconhecimento da dor. Essas são as marcas da diáspora (Hall, 2023) das comunidades negras migrantes, essa sensação de não lugar é amplamente descrita por pessoas negras de diferentes diásporas.

NEGRABI

Conheci a artista em 2020, quando entro na graduação na Universidade do Estado do Pará, local em que ela também cursava Ciências Sociais. Sempre engajada nas lutas dos movimentos negros na Amazônia começou a recitar suas poesias em eventos desse nincho, mais para frente ela começou a participar de batalhas de rap e hoje realiza shows pela cidade. O poema em questão foi escrito em 2023 e foi publicado em 2024 pelo jornal Resistência⁷, ela utiliza o “Sankofa” no título, que é um Adinkra (ideograma) africano representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás. O significado é volte e pegue” ou “voltar para buscá-la”, mostrando a importância de aprender com o passado e com a ancestralidade:

Sankofa

Tento mudar o rumo das nossas histórias
Insisto em me encontrar no meio desse caos
Releio o que escrevi nesses blocos de nota
Enquanto minha paciência de novo se esvai
Sinto que essas flores estão todas mortas
Imóveis feito concreto e nem tão duro assim
Aquilo que corrói por dentro e por fora
E pra não perder o costume guardei só pra mim
De noite me sinto sozinha, em apuros
Pela manhã é sempre quase tudo igual
Algumas louças sujas pra lavar na pia
Chuva fraca que se transformou em vendaval
Queria deixar ir sentimentos impuros
Fazer diferente com quem me magoou
Sendo sincera nem desejo evoluir desse jeito
Achas errado odiar quem me fez sentir dor?
Vó eu te prometo dar o meu melhor

⁷ <https://www.instagram.com/jornalresistencia/>

Mas especial seguir meu coração
Tenho aprendido dia após dia, enfim
Que desistir também pode ser uma opção
Naza, é certo que farias diferente
Ainda não me acostumei com a maldade do mundo
Meu sonho é que eles fossem um pouco mais decentes
Que negras como nós tivessem outro futuro
Que se cobrassem menos, se amassem mais
Olhassem a TV e se reconhecessem
Folheando as páginas dos jornais locais
Ver nossos rostos com orgulho e não com outro enredo
Quem sabe na parede nossas ancestrais?
Banhadas de ouro como a nossa pele
Ignorando essas brisas tão ocidentais
A diáspora é uma fonte, que ela nunca seque
Às vezes sinto nosso encontro aqui será breve
Se a inquietude é uma fonte, que ela me cerque
Não marco temporalidade isso parece blefe
A coragem é uma fonte, que ela nunca seque
Me ligou de madrugada pra falar de amor
Isso pra mim, tu sabes, é um sacrifício
Ciclos que não se encerram sempre voltam, eu sei
Desde o princípio enxergo inúmeros precipícios
Altos edifícios refletem esse sol
E tudo que em Belém aprendi a ter apreço
Ousaram nos rejeitar em restaurantes caros
Certeza não sentem a fome que vem do gueto

Nem é de comida que falo nesse verso
Muito menos de bebida, diversão e arte
Tentaram destruir o nosso dialeto
Serão obrigados a nos ver por toda cidade
Caráter não se compra, vê se entende, boy
É o tipo de coisa que pra nós vem de berço
Por isso trazemos no corpo nossos patuás
Cansamos de metade, escambos e um terço
Não deixe que as distrações afastem os seus sonhos
Não permita que as distrações destruam os seus planos
Mantenha o foco no seu futuro, preta
Mas não esqueça que o presente é tão importante quanto

Durante todo o poema a artista descreve sua realidade enquanto uma artista negra amazônica e independente, o título remete ao culto a ancestralidade que ela traz através de sua Avó. Da qual promete que irá oferecer o melhor, nesta poesia consigo enxergar ela e outras várias artistas jovens negras que ainda não alcançaram a visibilidade de seus trabalhos. O de mais crucial no poema é a linha que ela percorre, primeiro um desabafo, depois descreve seus sonhos e por último aconselha outras mulheres negras a manterem-se no foco de seus sonhos.

O potencial mostra-se a partir do momento que ela consegue dialogar de uma forma direta com o público, pelas escolhas linguísticas e por meio da rima, tendo em vista que ela também é rapper. Ao ler esses dois poemas é visível que essas mulheres estão praticando a escrita revolucionária, elas escrevem para curar suas dores e às de suas pares. Escrevem para destruir o que a Negrabí chama de “*brisas tão ocidentais*” e para nutrir-se da “*fonte da diáspora*”.

REFERÊNCIAS

- AMADOR DE DEUS, Zélia. **Os herdeiros de Ananse: movimento negro, ações afirmativas, cota para negros na universidade**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2008.
- Hall, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- hooks, bell. **Irmãs do Inhamé: mulheres negras e autorrecuperação**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2023.
- hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020.
- PAULINO, Rosana. **Imagens de sombras**. São Paulo: R. Paulino, 2011. 98 p. : il. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes.